

# Novas tendências da poesia cabo-verdiana: escritores heterônimos de si próprios

---

## *New Tendencies of Cape Verdean Poetry: Self-Heteronyms Writers*

Fernanda Felisberto da Silva\*  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Ricardo Silva Ramos de Souza\*  
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ

49

---

**RESUMO:** A poesia cabo-verdiana dos anos 1990 aos dias atuais revela pluralismo estético-formal e diversidade temática presentes em diferentes poetas que tecem suas obras se inspirando nas literaturas ocidental e oriental, mas não se esquivam dos dramas e anseios existenciais. Esses poetas afastam-se ou subvertem características dos nativistas, dos claridosos, dos novalgardistas e cantalutistas do período pré-independência. A partir dos anos 1980, questionam o fazer poético e encontram na obra de João Vário um caso paradigmático. Desde então a poesia cabo-verdiana apresenta pluralismo inédito, o que motiva a elaboração de sete eixos temáticos e assim contribuir para análise e compreensão de obras de um mesmo autor com estilos díspares, configurando uma geração de escritores heterônimos de si próprios. Para apreender a mudança de paradigma, esses eixos são conceituados e ilustrados com poemas de, dentre outros, Arménio Vieira, Valentinous Velhinho, Filinto Elísio, José Luis Hopffer Almada, João Vário, Timóteo Tio Tiofe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Poesia Cabo-Verdiana. Poesia Cabo-Verdiana - João Vário. Poesia Cabo-verdiana - José Luis Hopffer Almada.

---

\* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

\* Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Relações Etnicorraciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

**ABSTRACT:** The Cape Verdean poetry of the 1990s to the present day reveals aesthetic-formal pluralism and thematic diversity present in different poets weave their works draws on Eastern and Western literatures, but do not shy away from the dramas and existential anxieties. These poets move away or subvert characteristics of nativist, the claridosos, and cantalutistas novalargadistas of the pre-independence period. From the 1980s to question the poetic and are the work of João Vário paradigmatic case. Since that time the Cape Verdean poetry presents unprecedented pluralism, which motivates the development of seven thematic axes and thus contribute to the analysis and understanding of works of the same author with disparate styles, setting a generation of writers heteronyms themselves. To grasp the paradigm shift, these axes are defined and illustrated with poems by, among others, Arménio Vieira, Valentinous Velhinho, Filinto Elísio, José Luis Hopffer Almada, João Vário, Timóteo Tio Tiofe.

**KEYWORDS:** African Literature in Portuguese Language. Cape Verdean Poetry. Cape Verdean Poetry - João Vário. Cape Verdean Poetry - José Luis Hopffer Almada.

A poesia cabo-verdiana a partir dos anos 1980 assume um caráter abrangente, múltiplo e ousado quando comparada às gerações anteriores, ainda que essa assunção apresente um risco generalizante, porém fazemos referência ao marco maior da poesia do arquipélago inscrito na revista *Claridade* (1936-1960) e seus intelectuais, os *claridosos*, tendo entre seus integrantes, dentre tantos outros, Jorge Barbosa, Baltasar Lopes (Osvaldo Alcântara, seu pseudônimo poético) e Manuel Lopes. Os *claridosos* inspiram-se principalmente no modernismo brasileiro, mais precisamente nos textos em prosa do regionalismo nordestino e na poesia de Manuel Bandeira, sendo o seu poema “Vou-me embora para Pasárgada”, responsável por um movimento essencial da poética do arquipélago: o *pasargadismo*. A influência do modernismo contribui para pensar o arquipélago, suas contradições e dilemas, trazendo referenciais distantes da metrópole portuguesa. Com isso, para esses intelectuais aprofunda-se o olhar para os problemas sociais do país, ou como afirma Manuel Ferreira: “Os modernos textos brasileiros andaram de mão em mão no momento em que os jovens intelectuais cabo-verdianos descobriam a urgência de rigorosa objectividade socio-literária” (FERREIRA, 1985, p. 261).

Essa influência é determinante para a constituição e afirmação da poesia cabo-verdiana, induzindo a sua simplificação em três momentos: pré-

claridoso, claridoso e pós-claridoso. Evidente que esses momentos são uma periodização grosseira da poética do arquipélago, variações existem, melhores discriminadas, mas todas têm a *Claridade* como momento central da poética do arquipélago (FERREIRA, 1975; LARANJEIRA, 1995; SANTILLI, 2007; GOMES, 2008; SECCO, 1999).

Tamanha rigidez e influência no pensamento hegemônico conduz o ensaísta José Luis Hopffer Almada a considerar que os escritores contemporâneos têm sido interpelados por um patrulhamento de parte da crítica literária ainda sedenta do viés telúrico *claridoso* e que essa monocultura identitária seria consubstanciada por “uma imaginada ou real autenticidade literária cabo-verdiana, devendo ser, por isso, tratada como patrimônio e causa intocáveis e devidamente preservada de malfazejos desvios, contaminações e outras conspirações estéticas, estético-ideológicas e temáticas” (ALMADA, 2010).

Dessa forma, esses escritores possuem uma postura apátrida e de inautenticidade literária, pois diferem do evasimismo *claridoso*, de resignação e escapismo diante dos problemas do homem cabo-verdiano. O ensaísta acrescenta que para esses críticos, esses poetas representam um novo evasimismo que “teria como característica diferenciadora e distintiva a fuga pura e simples ao tratamento de temática tipicamente cabo-verdiana e o enveredamento pela revisitação jubilatória, (des)sacralizante, ou mesmo sarcástica, de mitos e ícones da cultura europeia ocidental” (ALMADA, 2010). Sendo assim, isso seria uma ruptura ao “nacionalismo literário” de viés telúrico temático-estético-ideológico, conforme os postulados pelos *claridosos* e que são assim identificados como *barbosianismo* (SANTOS, 1989).

Entendemos que a postura dessa crítica reduz a diversidade da poesia cabo-verdiana e exclui autores de riqueza extrema como João Vário e Timóteo Tio Tiofe, dois heterônimos de João Manuel Varela. João Vário, autor da série de livros intitulada *Exemplos*, é referência obrigatória para a geração atual, responsável já nos anos 1960 por iniciar uma obra de caráter universal, intimista, abstracionista e cosmopolita, sendo precursor de um fazer poético

que atingiria maior propaganda a partir dos anos 1980 (LARANJEIRA, 1995). João Vário é até hoje ostracizado por parte da crítica literária e acadêmica, ainda que tal fato tenha sido alertado pelo ensaísta Manuel Ferreira:

Trata-se de um corpus a ser reintegrado, como se disse, na literatura cabo-verdiana, ainda que os temas, as mensagens, a linguagem, independentemente da sua importância e qualidade, não se ajustem àquilo que se vem convencendo chamar-se a cabo-verdianidade. Mas [...] não há mais fundamento para uma discriminação deste teor, exclusivamente de caráter estético-ideológico (FERREIRA, 1986, p. 63-64).

A obra de João Vário difere e radicaliza a postura em relação ao evasimismo *claridoso*. Vário atravessa as críticas surgidas com os novos escritores surgidos na revista *Certeza* (1944), de cariz marxista, e a geração da *Nova Largada*, esta contrária ao *pasargadismo*, ao *evasionismo* e ao *terra-longismo*, porém a favor de um olhar que recupera as raízes crioulas e de veementes críticas ao colonialismo, para dissabor da metrópole, mas ainda assim “conservando a lição do quotidiano e o substracto telúrico veiculados pelos claridosos” (ALMADA, 2010, p. 3). Da Nova Largada, são poetas, dentre tantos, Aguinaldo Fonseca, Yolanda Morazzo, Ovídio Martins, chegando a atingir nomes revelados ao final dos anos 1950, tais como Onésimo Silveira, Mário Fonseca, Oswaldo Osório, Arménio Vieira e Kaoberdiano Dambará. Essa postura radicalizada dos *novalargadistas* é muito bem exposta no poema “Anti-evasão”, de Ovídio Martins, enfático no seu *antipasargadismo*:

Pedirei  
Suplicarei  
Chorarei

Não vou para Pasárgada

Atirar-me-ei ao chão  
e prenderei nas mãos convulsas  
ervas e pedras de sangue

Não vou para Pasárgada

Gritarei  
Berrarei

Matarei

Não vou para Pasárgada (ANDRADE, 1977, p. 48).

Chega o período das guerras de libertação das colônias africanas na década de 1950 e revelam ao mundo os abusos do colonialismo, os ideais pan-africanistas espalham-se, surge o PAIGC (Partido Africano pela Independência de Guiné e Cabo Verde) liderado por Amílcar Cabral, que escreve um texto fundamental para a reformulação e ação dos poetas, chamado “Apontamentos sobre a poesia cabo-verdiana” (1952), acerca dos novos rumos que caberiam assumir os futuros literatos cabo-verdianos após o chão fecundado por *Claridade* e *Certeza*:

Os seus poetas - o contato com o mundo é cada vez maior - sentem e sabem que, para além da realidade caboverdiana, existe uma outra realidade humana de que não podem alhear-se. Sentem e sabem que não é apenas em Cabo Verde que há “gritos lancinantes pela noite silenciosa” e “homens vagabundos” que “fitam estrelas que a madrugada esculpiu”. [...]

Mas a evolução da poesia cabo-verdiana não pode parar. Ela tem de transcender a “resignação” e a “esperança”. A “insularidade total” e as secas não bastam para justificar uma estagnação perene. As mensagens da *Claridade* e da *Certeza* têm de ser transcendidas. O sonho da evasão, o desejo de “querer partir” não pode eternizar-se. O sonho tem de ser outro, e aos poetas - os que continuam de mãos dadas com o povo, de pés fincados na terra e participando no drama comum - compete cantá-lo. O caboverdiano, de olhos bem abertos, compreenderá o seu próprio sonho, descobrirá a sua própria voz, na mensagem dos poetas. (*grifos do autor*) (CABRAL, 1976, p. 21).

53

Sendo assim, as décadas seguintes apresentam uma poesia engajada, de combate à intransigência da ditadura salazarista que aumenta a repressão e obriga à guerra colonial. Poetas como Mário Fonseca, Arménio Vieira, Onésimo da Silveira e Oswaldo Osório marcam a mudança de postura de sua geração e o *antipasagardismo* seria radicalizado em cadernos literários como *Suplemento Cultural* (1958), *Boletim dos Alunos do Liceu Gil Eanes* (1959) e *Seló* (1962). Onésimo da Silveira, representante da “geração que não vai para Pasárgada”, no seu “Consciencialização da literatura caboverdiana”, livro com severas críticas aos *claridosos*, afirmar que:

a literatura caboverdiana, estando profundamente ferida de inautenticidade, não traduz nem produziu uma mentalidade consciencializada e daí se ter tornado, como não é difícil verificar, em título de prestígio da elite que a vem encabeçando e não em força ao serviço de Cabo Verde e suas gentes. (SILVEIRA, 1963, p. 8).

O *cantalutismo* poético acompanha a luta e chega à independência das duas pátrias-irmãs, Guiné-Bissau e Cabo Verde, assim sonhada por Amílcar Cabral e concretizada em 1975. Entretanto, nas décadas de 1980/1990, as realizações político-sociais não acontecem e os escritores começam a sentir a necessidade de discutir os rumos que a nação seguiu, assim como os caminhos da poesia, estagnados desde então. Segundo Carmen Lucia Tindó Secco:

Após a euforia da independência, no final dos anos 80 e início de 90, a novíssima “geração” de escritores começou a denunciar o vazio cultural no Arquipélago, além de constatar que a fome e a miséria não foram extintas. Houve uma desilusão em relação aos valores *cantalutistas* que animaram a poética da independência. A poesia, então, deixou de cantar apenas o social e passou a operar também com os sentimentos individuais, com o existencial e o universal. Esse novo lirismo se caracterizou por construções metapoéticas e passou a repensar tanto os caminhos sociais, como os da própria poesia. (*grifos da autora*) (SECCO, 1999. p. 20).

É nessa perspectiva que a obra de João Vário ganha importância para as novas gerações. Essas mudanças manifestam-se desde o início do pós-independência (1975) através de prêmios literários como os *Jogos Florais 12 de setembro* e em variadas publicações nos anos seguintes, tais como *Raízes*, *Voz di Povo*, *Ponto e Vírgula*, *Fragmentos*, *Sopinha de Alfabeto*, *Magma*, *Aurora* e *Artiletra* que demonstram ideologias poéticas diversificadas e pluralidade estética.

Diante da efervescência literária desse período, atinge-se o necessário momento de reunir esses poetas até então dispersos. Organizada por José Luis Hopffer Almada, *Mirabilis - de veias ao sol - antologia dos novíssimos poetas caboverdeanos* apresenta cinquenta e sete poetas revelados nessa época. No prefácio da obra, Almada faz analogia à flor do deserto, a *mirabilis*, e procura mostrar a força de uma geração amargurada com os descumprimentos das

promessas feitas pela revolução, e assim exprimir a virulência do verbo poético como local de reflexão do tempo em que vivem:

*No deserto cresce a Mirabilis. Diz o poeta.*

Fustigada pelos ventos (da incompreensão!), pelo sol (da hipocrisia!), pelos tempos vários do mau tempo literário, desse tempo querendo-se vegetação literária. No deserto, cresce a geração mirabílica, feita signo na margem desértica do mar. De veias ao sol. As veias da indagação. As veias alagadas da terra das estradas, da poeira do dia-a-dia, do massapé dos campos, do lixo dos caminhos suburbanos, do desespero recoberto de moscas, baratas e outros vermes. As veias loucas do mar, do marítimo lirismo dos dias afogados nos ciúmes dos montes. As veias, veias de vida, de morte, de desespero, das quatro estações místicas do que se medita no refúgio do silêncio. Veias do camponês e da enxada neste coito de séculos com a terra. Ao sol, hipócrita por entre a bruma e os cerros. Sol, signo de luz. Sol que ilumina. Sol que queima e ofusca o caminhar. Sol dependurado da perseverança secular.

*Mirabilis - de veias ao sol.* Geração mirabílica indagando o sol.

“No Deserto cresce a Mirabilis”. Diz o poeta Orlando Rodrigues. “Embora de veias ao sol”. Adita Rodrigo de Sousa, para que das imagens do deserto cresçam as palavras da nossa geração e delas reste, ao menos, o cadáver da poesia. Sugere Mito, o poeta plástico, ou que o cadáver se metamorfoseie em flor e espinho, num panorama azul, de onírico, sugere Mito, o plástico poeta. Uma única rosa é a Mirabilis, e dela queda um sol de sangue. O sol da poesia mirabílica (ALMADA, 1991, p. 26-27. Grifos do autor).

Acompanhando a mudança desse período, recordamos as observações contidas nas epístolas de Timóteo Tio Tiofe (outro heterônimo de João Manuel Varela) e merecedoras de nosso logro acerca das responsabilidades das gerações posteriores à *Claridade* - nesse momento por um prisma diferente do mencionado por Amílcar Cabral -, como muito bem apontou o poeta em sua “Primeira Epístola ao irmão António”, datada de 1974. As críticas são incisivas diante do panorama literário do país, pois Tiofe aspira que

[...] os nossos poetas sejam mais exigentes na sua preparação cultural e na factura da sua poesia que os seus predecessores. A poesia cabo-verdiana está numa encruzilhada. Possuímos um antepassado de valor Jorge Barbosa. Precisamos ultrapassá-lo para fazer progredir a poesia do nosso país (TIOFE, 2001, p. 136).

e assim encerra:

Nunca me cansarei de proclamar: para nós, escritores de hoje, tal é a maior herança que nos deixaram os homens da *Claridade*. Ela não é pequena, mas, justamente porque reconhecemos a nossa dívida, é importante saber onde pararam, até onde chegaram, para podermos ir mais longe. E aqui recorro: eles lançaram as bases duma “escrita cabo-verdiana” e cabe agora aos que seguem dar uma certa envergadura a essa escrita específica e estruturá-la, torná-la, numa palavra, digna do nome de literatura (TIOFE, 2001, p. 144. Grifos do autor).

Em outro momento, Tiofe, na “Oitava Epístola ao irmão António”, percebe a mudança da poesia cabo-verdiana e a compreensão de parte dos poetas para o cariz metafísico de seu outro heterônimo, João Vário: “Há já alguns anos que muitos patrícios começaram a aceitar esse tipo de poesia, como a praticá-la. Em suma, mudou-se o paradigma” (TIOFE, 2001, p. 303).

É a partir dessa mudança de paradigma assinalada por Tiofe que propomos uma discriminação por eixos temáticos da poesia cabo-verdiana atual, tendo como objeto as obras de determinados poetas que melhor caracterizam a liberdade, a audácia, a inventividade e o cuidado com a palavra depurada, ampliada por outras propostas estético-formais, estilos e vanguardas, partindo para outros referenciais que distam de um viés telúrico-claridoso, ou que quando este aparece é subvertido e transgredido. De acordo com o escritor Filinto Elísio:

Não sendo apologista de classificar a Literatura Cabo-verdiana pelo viés cronológico, nem acreditando haver suficiente virtude que a literatura em Cabo Verde esteja estratificada em três grandes períodos - pré-Claridoso, Claridoso e Pós-Claridoso -, quero crer que há outras e múltiplas formas de olhar esta produção literária que, há mais de dois séculos, tem vindo a marcar o seu espaço no contexto da lusofonia e que, desde a Independência Nacional, há pouco mais de trinta e seis anos, se densifica por produções mais modernistas e mais «aggiornadas» com as letras de recorte universalista.

Abordo aqui de uma literatura que não se pontifica como pós-Claridosa, mas que é assumidamente não Claridosa, isto é que não tem a Claridosidade como seu eixo central e muito menos seu fio condutor. Aliás, esta não é apartada daquela, em sua correlação, mas, fazendo jus a alguma identidade, o dom de não ter mote, nem modo claridosos, não se policiando pelos cânones nem dos precoces nativistas, parnasianos e românticos, nem dos realistas, neo-realistas e nacionalistas que compõem as várias gerações que trocam

testemunhos na brilhante estafeta do fazer literário até os anos setenta do século XX (ELÍSIO, 2012).

De acordo com a perspectiva explicitada por Filinto Elísio, nosso objeto procura investigar poetas com uma produção não-claridosa que atuam com diversidade temática e diferentes formas e estilos, às vezes presentes em um mesmo livro. Com isso, diante da rica diversidade dos poetas contemporâneos elaboramos os sete eixos que são concomitantes na produção contemporânea cabo-verdiana, apresentando suas novas tendências: 1) *poesia épico-telúrica de rememoração do tempo*; 2) *poesia de indagação ontológica e metafísica*; 3) *poesia desassombrada da “monocultura identitária”*; 4) *poesia de indagação social*; 5) *poesia do ser disperso na vasta diáspora*; 6) *poesia útero-reivindicativa*; e 7) *poesia de valorização identitária afro-crioula*. Para preencher esses eixos, identificamos poemas de autores que atuam e assumem a diversidade por nós proposta. São os casos de Arménio Vieira, Valentinus Velinho, Filinto Elísio, João Vário, Timóteo Tio Tiofe, Mário Lucio Sousa, José Luiz Tavares, Maria Helena Sato, Vera Duarte, Eneida Nelly e dois heterônimos de José Luis Hopffer Almada, Erasmo Cabral de Almada e N'Zé dy Sant'Y'Águ.

A escolha desses poetas diz respeito a pouca disseminação de suas obras nos estudos literários cabo-verdianos no Brasil, contribuindo assim para que seus nomes atinjam um público maior, exceção aos nomes de Vera Duarte, já com vasta fortuna crítica em nosso país e livros publicados, e José Luiz Tavares, também com livros lançados no Brasil. Nosso objetivo geral com esses sete eixos e os poetas selecionados é contribuir para melhor conhecimento da pluralidade da produção poética cabo-verdiana contemporânea e colaborar para elaboração da sistematização da supracitada produção. A seguir, os sete eixos para compreensão desta poética.

## Poesia épico-telúrica de rememoração do tempo

Neste eixo os poetas preocupam-se com a história das ilhas, reconstruindo o passado através da reinvenção da linguagem desvelando o que ainda não foi suficientemente estudado ou sequer narrado, assim como a importância de reencenação de fatos da memória pessoal ou coletiva. Eixo inspirado nas análises de José Luis Hopffer Almada, assim como trata de um tema recorrente entre alguns dos principais nomes da poesia contemporânea. Começamos destacando Timóteo Tio Tiofe:

É deste povo que falamos. E destas terras. Lugar do esforço, da fadiga, da mediocridade e da amargura, lugar de Notcha, a algumas milhas a noroeste, sempre a oeste deste tempo, do continente seu e de seus signos de Zimbabwe. Povo de terras de pesca e de sal gema, de sol e fictício milho, filhos sem fortuna e sem grandeza de ilhas de lenda - lugar de fortuna, de Antiguidade, de prosperidade e de justiça, vestígios do continente de Platão. [...]

Povo das magras explorações salineiras e de impressionantes tentativas agrárias, de ilhas ditas Afortunadas, lugar de milênios, de insólita navegação e das grandes transformações da face da terra ou lugar de amplíssimas vicissitudes de geologia e de história, de mestiçagem e escravaria, de pluviosidade e demografia. [...]

Ó água de pouca presença nas zonas baixas das ilhas, nascentes de leste, cisternas distantes, ó escassez de pontos de água nestas terras de aridez durante três quartas partes do ano. [...]

Homens que fazemos o contrabando de aguardente e trabalhamos nos barcos que escalam estes portos e fugimos e regressamos e repartimos para todos os mares, todas as terras, todos os continentes [...]

ilhas, dezena de ânsias emersas, da maneira das ilhas, qualquer maneira, mas sem maneira de ilhas, sem indícios de indústria neolítica nem arte rupestre (TIOFE, 2001, p.25-28).

Diferente de João Vário, Varela cria outro heterônimo, Timóteo Tio Tiofe, com discurso cabo-verdiano que rompe com a influência *claridosa* e cria “O Primeiro Livro de Notcha”, “um poema de que as minhas ilhas precisam e, em certo sentido, talvez, o poema que a minha geração aguarda ou aguardava de mim” (TIOFE, 2001, p. 13). Fragmentos deste poema são publicados desde os anos 1960 e o “Primeiro Livro de Notcha” (PLN) sai em 1975. Tiofe, como Vário, faz do poema narrativo a sua característica, o que passa a servir de

inspiração para os poetas do pós-independência. Para Tiofe, o PLN “tenta integrar ou introduzir Cabo Verde no discurso poético através do que se sabe hoje da sua história, da sua cultura, e considerá-la, essa cultura dentro dos quadros do continente a que pertence - a África” (TIOFE, 2001, p. 135).

A partir dos anos 1990, vários poetas começam a trabalhar sua interpretação para a gênese das ilhas cabo-verdianas. Mário Lucio Sousa, escritor, dramaturgo, músico e artista plástico, faz sua estreia literária com o livro “Nascimento de um mundo” (1991), em que o poeta renega o mito hesperitano de Pedro Cardoso e José Lopes, recria o surgimento de Cabo Verde entre as águas e dedica um poema para cada ilha. Segue o poema “Prelúdio”:

O prenhe barro que sustinha o mar  
abriu-se como uma boca ou uma flor  
e o sopro de um deus imaginário  
- que já existia antes de Deus -  
fez abrir um pedaço do Mundo  
cuja alma já não cabia no corpo...  
e nasceram as ilhas  
que nadavam e nadavam.  
As ilhas nascem nadando como as crianças nascem chorando,  
mas no germen tudo é diferente:  
as crianças nadam muito tempo antes de chorar  
e as ilhas choram muito tempo antes de nadar  
os dois prantos sob o signo de um pranto mestiço  
de água e fogo.  
(a) LUZ  
LAVA e  
(a) DOR.  
Assim será. Assim foi, creio eu:  
Dez embriões num ventre  
dez vozes num parto  
dez ilhas no mar e  
Eu assisti ao nascimento de um mundo  
que gerou o fogo  
e ficou elevado o umbigo da terra  
ou vulcão  
ou a raiz que evoca a diferença e a identidade.  
Tudo passou num segundo  
e depois - conceito que foi instante, logo e agora -  
o deserto... o inaudível... a luz  
e eu mil novecentos e sessenta e quatro anos depois atrás (SOUSA,  
1991, p. 07).

Filinto Elísio subverte a linguagem de forma criativa em “Mexendo no ba\_ú, vasculhando o u”. Neste livro os cadernos possuem títulos curiosos em razão da grafia escolhida pelo poeta, deslocando nossos sentidos que vão sendo reconfigurados pela sonoridade das palavras, como em “Ó de ceia das i\_lhas”. Formado por dez poemas, este primeiro caderno propõe-se uma peculiar leitura das ilhas de Cabo Verde “antes do verbo”. Diante dos sentidos desgastados das palavras pela insensibilidade da contemporaneidade, o poeta “pensa palavras primordiais” para ressignificar a história das ilhas em forma de poesia, esmaecidas pelos fragmentos da memória e dignificá-las com a força libertadora do verbo poético. Deste livro, o poema “Boa\_vista”:

no deserto de viana  
o céu tem dunas de tantas cores  
e o silêncio vão pensa palavras primordiais  
pegadas na areia  
pedaços de árvores & bocados de vidro  
carcaças de barcos  
seus en\_calhes de histórias muitas  
diz a memória  
do casal de namorados preso nos es\_combros  
diz a memória do arco-íris dessas dunas  
seus nau\_frágios guardados numa concha  
fantástica ilha  
lundú bonito & ruínas de igreja... (ELÍSIO, 2011, p. 17).

José Luis Hopffer Almada tem a sua obra literária formada por vários heterônimos com múltiplos olhares sobre si e do mundo que o cerca, procurando explorar ao extremo as diversidades formais e estéticas que a poesia possibilita. Com isso, lidamos com os nomes de Alma Dofer, Erasmo Cabral d’Almada, Dionísio de Deus y Fonteana, Tuna Furtado, Zé di Sant’y’Águ, este posteriormente transfigurado para NZé di Sant’y’Águ. Sobre a origem deste heterônimo, o autor afirma que:

Zé di Sant’y’Águ é “a minha personalidade castiça e lusófona, profundamente ancorada no chão telúrico de Santiago de Cabo Verde (...), simboliza a sacralização dos elementos essenciais da nossa mitologia: os santos (em primeiro lugar, o Santo Iago [...] e a Água; a ilha, a raiz do arquipélago. Zé sou eu (ALMADA, 1990, p. 14).

Com o amadurecimento da escrita do poeta, Zé di Sant'y'Águ passa a ter o acréscimo do N em NZé, “o eu forte e afirmativo, a primeira pessoa do singular cabo-verdiano”, tornando-se NZé di Sant'y'Águ e configurando assim a sua maturidade poética, restando ao antigo heterônimo os poemas feitos na escrita crioula. Esclarece o poeta que:

NZé di Sant'y'Águ representa uma personalidade poética que se quer plenamente amadurecida e capaz de superar pelo seu aperfeiçoamento a linguagem e a escrita poéticas de Zé di Sant'y'Águ, nas suas modalidades lusógrafa e crioulografa, superação essa também testemunhada pela aguda maturidade da nova “Assomada Nocturna” (ALMADA, 2005, p. 66).

No poema “Parábola do Castanho Sofrimento” há uma surpreendente subversão do relato bíblico de Adão e Eva, trazendo para o espaço geográfico cabo-verdiano a sua história, e do encontro dos dois, o início da nação crioula:

Da infidelidade de Eva  
e da ousadia de Adão  
da irremediada frustração divina  
e da iluminada estupefacção do adultério  
nasceram dois gêmeos  
ambos de cor parda

pois que  
era Eva tão alva  
como a imperturbada brancura da neve  
e  
Adão tão negro  
como o nocturno rumor da chuva  
sobre o esplendor das trevas e do escurecido verde  
que precederam o mundo [...]  
Reencontrar-nos-emos  
pardos e castanhos  
estonteantes e incrédulos  
e  
limpos dos antigos alaridos  
regressados  
à verde e líquida memória do ébano  
ao antigo lugar do exílio e do desterro  
situado entre o Rincão e o Monte Negro  
ou algures  
onde nos seja possível  
perscrutar Adão e Eva  
e partilhar dos frutos

do seu éden pétreo  
do Pico de António (RISO, 2011, p. 57-64).

José Luiz Tavares é o mais celebrado poeta de sua geração. Em seu livro de estreia, “Paraíso apagado por um trovão”, impressiona a depuração da língua portuguesa em uma autêntica reinvenção da linguagem, explorando os limites do verbo e do labor poético com imagens por vezes insólitas e surpreendentes na rememoração criativa da infância. Seu livro confirma o pleno domínio do seu ofício, certifica a maturação da linguagem entrecortada por um vocabulário rebuscado que remete à Renascença e ao Barroco, tornando complexa e fascinante a sua poesia, como bem destaca o poema “Limiar”, em que o sujeito lírico rememora passagens da infância entrecortadas pela tessitura da poesia:

Descer – ao chão antigo,  
agreste, familiar; às ombreiras  
sem brasão onde nem trompas  
matinais nem plenipotenciária  
voz de mando.

Regressar – à vida rude, elementar,  
veredas de antigos passos,  
emboscadas de vizinhos,  
castos gritos de meninos,

sonhadas façanhas marinheiras,  
narradas não em épicos crônicas  
onde mastros cruzes naves  
fingem vida quando ruína.

Desacontecidos sucessos  
são matéria deste livro, precário  
edifício, como tudo o que é erguido  
pelo cuspo da poesia.

Pôr em verbo o que vida fora?  
Em dramático lance contar do assombro?  
Ou por subtil engenharia escavar o ínfimo?

Descrer – do antes e sua prévia arquitetura;  
do pós e sua sábia arqueologia:  
arte é lucidamente padecer o informe;  
o que do avesso segregado  
em somente mundo se converte (TAVARES, 2010, p. 8-10).

## Poesia de indagação ontológica e metafísica

Este eixo destaca-se pela maturidade estética e filosófica dos poetas perante a condição humana, desvelando os problemas do Ser. São características comuns na *poiesis* de João Vário, mas que sofrem(ram) com as críticas do passado por desvinculadas às urgências do tempo em que seus poemas surgem. É por isso que Timóteo Tio Tiofe, o outro heterônimo de João Manuel Varela, sai em defesa da poética de Vário e tece pertinentes considerações acerca da poesia cabo-verdiana e do patrulhamento que reduz e limita o fazer poético:

Por que seria que um homem nascido em Cabo Verde estaria condenado, qualquer que seja a cor da sua pele ou o seu estatuto social, a preocupar-se exclusivamente com tais problemas - fome, evasão, emigração, chuva? Por que será que, se ele abordar outros problemas - mais gerais do seu destino ou pulsões de homem ou da condição humana, como se diz, deverá ser considerado um desenraizado ou influenciado pela poesia europeia (TIOFE, 2001, p. 162).

63

É a partir da inquietação com a existência que motiva os poetas a uma poesia questionadora, impactante, transgredindo normas da ordem vigente. Assim é a poesia de Arménio Vieira, galardoado com o Prêmio Camões em 2009, que demonstra suas inquietações relacionando-as com temas caros à mitologia greco-latina:

Como saber o que seremos? Ao menos soubéssemos o que somos! Peças de um jogo que alguém joga consigo mesmo; quiçá máscaras sob as quais se ocultam outras máscaras cuja soma não tem fim, como responder a tal questão? Um rio, que jamais é o mesmo rio, eis a cruel metáfora. Heráclito, que em tal rio navegou, também nele se afogou (VIEIRA, 2009, p. 84).

E de Valentinous Velinho que ultrapassa os limites da linguagem poética com uma dicção própria dentro do panorama literário cabo-verdiano, originalidade aprimorada por uma linguagem rebuscada repleta de metáforas insólitas e

surreais, uso de figuras como o paradoxo, a inversão e a ironia perpassam as diferentes experimentações estético-formais atingidas com excelência, tanto em longos poemas de versos livres quanto na concisão de dísticos e tercetos, também em sonetos (RISO, 2011). O poema “Liberdade” mostra a surpreendente maneira de indagar deste poeta:

Por que teremos de soprar  
O último sopro?  
Por que não tem o último sopro  
Liberdade bastante de se soltar? (VELHINHO, 2008, p. 34).

O sujeito lírico de João Vário faz uma comparação do ano de seu nascimento, 1937, com os grandes eventos acontecidos naquele ano, tendo grandes repercussões no decorrer do século XX, segundo entendimento do poeta (VÁRIO, 2009). Suas indagações procuram mostrar a angústia do homem na modernidade:

E aqui tratamos de favores inclusivos e fados determinados  
tal o poeta a língua deixa atravessada  
no meio do caminho dos deuses  
para nela tropecem  
e se fale de biografia. E de tal intensidade vivemos.

E acentuamos: mil novecentos e trinta e sete  
é a data citada da nossa era. [...]  
Tempo velocíssimo e de grandes odes.  
Tempo difícil e agosto. [...]

É um tempo de vastas corrupções e de grandes crises.  
e as coisas aguardam a chegada da besta apocalíptica. [...]  
Não há século maior nem mais vil que este, vigésimo,  
e, nesse ano da graça citado, o homem,  
como diz o avisado cronista, é deus e diabo,  
inesquecivelmente, ineditamente.

Pois que se assiste a grandes criações  
- soluções para a vida e para a morte -,  
Era para a morte ou para a vida  
Que o homem se erguia  
Sobre seus dois escassos pés? (VÁRIO, 2009, p. 19-20).

Filinto Elísio também investe nas formas fixas com propriedade nos poemas de “Li Cores & Ad Vinhos”. O poeta encara o seu ofício de forma ousada, desloca

as sensações anestesiadas, das emoções dilaceradas do cotidiano. Sua poética mostra um caminho possível para suportar a amargura da realidade ao transcender a semântica usual e apetecer o infinito meta-poético com sua inconfundível sensibilidade existencialista e universal (RISO, 2011), como no poema “Poeta de certo madrigal”:

Quiseste-me poeta de certo madrigal,  
Vitaminado de sintaxe, realejo e versejo  
Semântico em mim próprio, alado cavaleiro  
Ou psicadélico e mensageiro, filho da pátria...

Quiseste-me verso, esquecido do perverso,  
Homem novo, sua toxicodependência, o texto  
E seu contexto de máscara, de uma poesia  
Que não espera pelo vento, fará da cotovia...

Todavia, sou doutra leira que não esta  
De alaúde romântico e verbo metafísico  
Sou das estradas sem eira, nem beira  
Apartadas dos cristais e seus desvarios...

Um pouco esse rouco de algumas vozes,  
Aqueles de percalços e sombras dissolutas,  
Um pouco essa coisa viscosa e lacrimosa,  
Escoante dos insonos, deserdados e aflitos... (ELÍSIO, 2009, p. 39).

### **Poesia desassombrada da “monocultura identitária”**

Este eixo reúne poemas que propõem a criativa reinvenção da linguagem a partir da reformulação de temas comuns à poética cabo-verdiana de raiz claridosa, hesperitana, novalargadista ou cantalutista, assim como o desprendimento a esses referenciais, buscando nas diferentes literaturas ocidentais e orientais construções estético-formais e outras temáticas para a tessitura poética (ALMADA, 2010). A ironia, a meta-poética, a poesia em prosa e o haicai são algumas das características desenvolvidas pelos poetas. Sobre a expressão “monocultura identitária”, ela foi alcunhada pelo poeta cabo-verdiano José Luís Tavares aquando da recepção, em 2003, do prémio Mário

António da Fundação Gulbenkian pela obra *Paraíso Apagado por um Trovão* (ALMADA, 2010).

Arménio Vieira opta pela tessitura em prosa poética conseguindo intrigantes indagações existenciais e metafísicas, apropriando-se de diferentes inspirações do cânone da literatura e da filosofia ocidental em um belo exercício de meta-poética transgressora, mostrando o pleno domínio da poesia em “Megalomaniaco”:

Eu, que de Homero recebi o poema no instante em que o poema nasce, e vi o Inferno pela mão de Dante, tal-qual Leopardi mais tarde o viu, e, após me afundar no rio onde Hamlet e Lear beberam o vinho que enlouquece, comecei a ter visões que Rimbaud, De Quincey e Poe registaram em negros textos; eu, que no Eterno transporte a bandeira que era peso nas mãos de Elliot, e renovei a charrua com que Pound lavrava os versos, e de Whitman furtei-me ao licor, que em Álvaro, digo Campos, porque dorido e menos doce, sabia melhor; então que falta em mim para de Camões herdar a estrela, que Pessoa deixou fugir? (VIEIRA, 2009, p. 48).

Já Valentinus Velhinho, dentre suas várias facetas que distam dos temas cabo-verdianos, ironiza e questiona de forma incisiva e recorrente os saberes bíblicos do Antigo e do Novo Testamento:

Apocalipse com Eleitos?  
Não será Apocalipse nenhum!  
Os Eleitos não são, ao fim e ao cabo,  
Apenas um modo de anunciar o Apocalipse?  
O Apocalipse terá de ser súbito  
(pode até prescindir de um começo)  
Repentino como o primeiro relâmpago,  
Mortal como uma espada, de lâmina até o cabo,  
E que se mova em todas as direções.

Só haverá Apocalipse  
Quando estas historietas da Arca  
Forem religiosamente mandadas ao Dilúvio e à Merda! (VELHINHO, 1997, p. 19).

Em seu livro “Mexendo no ba\_ú, vasculhando o u”, Filinto Elísio inova ao incorporar o farto uso da tecla “underscore” (ou underline) - “\_”. A

transgressão da linguagem se anuncia na contaminação de termos e sinais gráficos da internet na poesia. Elísio cria o poema como os jovens que suprimem as vogais em seus textos para internet. Enquanto isso, o sujeito lírico elisiano associa o som dos fonemas ao sentido das palavras em belo jogo de aliteração e assonância. Valendo-se da ludicidade, o poeta apresenta esse delírio surrealista de conotações concretistas e assim incorporando a importância do aspecto visual ao poema (RISO, 2011):

(Em consoante S)  
S exílio  
S lírio  
C de cílio  
e de você  
esse delírio [...]  
acha o povo  
seu  
k  
minho  
mas  
não me piches  
no graffiti  
nem me\_gapixels  
em photoshop  
existencializa-te  
cristaliza-te  
upgrada-te (ELÍSIO, 2011, p. 49).

Erasmus Cabral de Almada é o mais corrosivo dos heterônimos de José Luis Hopffer Almada. Ele possui um olhar cáustico sobre os descaminhos da cidade da Praia, capital de Cabo Verde, assim como contempla uma visão assaz corrosiva da mundivivência do ilhéu na diáspora e dos demais negros africanos ou não pelo mundo, e o contato com o racismo nas suas diferentes formas de discriminação. No poema “Discurso do Censor” evidencia-se o direito de abordar o que considera necessário, da maneira que lhe convier, o que agride sobremaneira ao patrulhamento supracitado para a constituição deste eixo:

É proibido  
caricaturar a noite  
ou as sequer as suas fulgurações  
resplandecendo  
ao luar e à serenata!

Não vedes  
porventura  
como a noite luz  
sobre os portos  
e as avenidas carregadas  
dos signos do obeso bem-estar  
louvando no altar da marginal  
as dádivas divinas que são  
a morna e a morabeza?

É proibido  
caricaturar o decaído perfil  
dos coqueiros  
e as sombras do céu  
estendidas sobre a estrada!

É proibido caricaturar  
a interdição da caricatura! (ALMADA, 2009, p. 141-142).

### Poesia de indagação social

A poesia de indagação social está atenta aos problemas sociais, políticos e econômicos do cabo-verdiano, por conseguinte, aos problemas de sua alma. É uma poesia corrosiva, virulenta em sua crítica, também saudosa dos ideais de Amílcar Cabral, por vezes desesperançada. Poesia que remete ao furor *cantalutista*, também se inspira nas palavras reivindicatórias de Mário Fonseca, Oswaldo Osório, Onésimo da Silveira e demais poetas que surgem no calor das lutas anticoloniais em África, mas que se renova por estar atenta às questões de seu tempo. Erasmo Cabral de Almada, heterônimo de José Luis Hopffer Almada, é um representante desta vertente com seu olhar que ora pode ser para os dramas vivenciados por negros na diáspora africana, ora no seio de Cabo Verde, como revelado no desencanto do poema “Incongruências”:

[...]  
o ar que respira txibita  
não tem química particular nenhuma  
e é incolor e dolorido [...]

por isso

txibita deixou  
de conversar com o alcatrão das ruas  
de conspirar com a esquizofrenia da cidade  
de cativar-se com a intimidade do fedor circundante  
de apiedar-se dos gestos compassivos das pessoas honradas  
de deslumbrar-se com os olhares circunspectos dos circunstantes  
[...]

por isso  
txibita mais não faz  
do que suster-se  
na trôpega dimensão  
da miséria  
e txibita é apátrida  
na sua pátria c.v. (ALMADA, 2009, p. 111-112).

### **Poesia do ser disperso na vasta diáspora**

Aqui se encontra a produção poética realizada pelos escritores espalhados pela vasta diáspora cabo-verdiana, todavia, no nosso caso, ficaremos naqueles que residem e/ou transitam por Brasil, Cabo Verde e Portugal. Os dramas, os anseios do ilhéu na terra-longe, a obrigação da adaptação forçada, o transculturalismo como forma de sobrevivência transformam este ilhéu em um ser híbrido, da diáspora, negociando sua identidade em território estrangeiro (HALL, 2006). O excerto de NZé di Sant'y'Águ, outro heterônimo de José Luis Hopffer Almada, demonstra como essas questões tão comuns ao cabo-verdiano são desveladas com o pertencimento de ilhéu trânsfuga, mas também o seu pertencimento negro identificando-se com os negros em diáspora e as negociações necessárias para manter-se no mundo hostil à diversidade:

[...] Negro.  
Serei negro e terra-longista. [...]  
Envergando  
as minhas acossadas vestes  
de desembarcado em país estrangeiro  
de indesejado inquilino de terra alheia  
sitiado pela má sina pelo verbo hostil e xenófobo

desvendar-me-ei  
desvendarei o outro  
desvendarei o mundo  
desvendar-me-ei nos mundos do outro

Envergando  
as minhas camaleónicas vestes [...] serei actor no teatro do mundo  
serei o outro de mim próprio em mim das memórias e das utopias que em mim [...] edificar-me-ei  
cidadão do mundo  
com a minha humana pele caboverdiana solidária das humanas peles das criaturas de cor confraternizadora com as humanas peles das humanas criaturas de todas as subjugadas respirações do vasto mundo com a minha caleidoscópica pele diluída e fundida no diverso cromatismo da humanidade [...]  
(ALMADA, 2010, p. 13-23).

Maria Helena Sato, radicada no Brasil, é um nome essencial para este eixo, pois sua poesia mostra com precisão a vivência na diáspora, a lembrança remota e melancólica das ilhas dialogando com a concisão dos haicais, a poeta expressa o seu sentimento:

Dez lágrimas,  
únicas,  
transbordam.  
As demais  
cabem nos mapas (SATO, 2006, p. 69).

70

Já José Luiz Tavares apresenta em “Lisbon Blues” uma série de poemas dedicados à capital portuguesa, desenvolvendo diferentes temas e valendo-se da cultura e da criatividade desmesurada e complexa do poeta tendo a cidade de Lisboa como pano de fundo. Tavares relaciona em “Lembrança de Manuel Bandeira num outono de Lisboa” a importância do poeta responsável pelo *pasargadismo* em Cabo Verde e a memória do seu país.

[...] E vendo assim Lisboa (so beautiful)  
assalta-me a lembrança de um outro azul  
– sob suas fímbrias plantei  
renques de acácias e tabuletas alusivas;  
sob seus desdoirados ramos  
desamores lamentei,  
que não sou amigo do rei,  
nem cheganças com deuses hei.

Mas se é de sua lei  
que, embora triste, seja altivo amigo  
da grei, tal sina não maldigo;  
talvez mesmo comigo diga:  
grato estou a estes claros dias  
em que das lágrimas fiz maravilhas (TAVARES, 2008, p. 27-28).

## Poesia útero-reivindicativa

Neste eixo encontra-se a poética de afirmação e emancipação da mulher cabo-verdiana questionando a heteronormatividade que impõe, nas relações e representações de gênero, a condição de subalternidade da mulher. A autoria feminina procura, sobretudo, “dar visibilidade e voz à historicidade das mulheres” (GOMES, 2008, p. 277). Muitas foram as conquistas sociais para as mulheres com o país independente, assim como no campo literário várias autoras atuam na prosa e na poesia. Vera Duarte é o destaque principal deste eixo, feminista atuante tanto na literatura quanto em organizações sociais e na magistratura, Duarte faz de sua poesia canal de divulgação da luta contra a opressão masculina, de conscientizar e elevar a autoestima das mulheres. O poema “A outra” é uma crítica à submissão feminina e mostra a dificuldade que as mulheres têm de se libertar das representações de gênero impostas. Com isso, há o conflito existencial de uma mulher simbolizado pelas mulheres bíblicas (antagônicas) Maria - a virgem mãe, e Madalena. A vontade de ser a mulher que se rebela contra as normas sociais em convívio inquietante com a mulher que aceita a submissão, além do questionamento diante de uma “civilização incoerente”:

Quem é essa outra mulher que me habita e abusivamente ocupou  
quase todos os espaços? [...]  
Quem é essa mulher que me oferece as bem-aventuranças e me cega  
para os precipícios?  
Por vezes apetece-me segui-la de olhos vendados, até onde ela  
quiser levar-me.  
A meio do caminho ou antes de iniciar a caminhada.  
E fico observando, carente e deliciada, o evoluir das bem-  
aventuranças, a felicidade suprema, a total insubmissão.  
Madalena a mulher espreira e tenta. Ela quer e sabe.

Mas há uma inquietação também por um destino feminino sem subversões, feito de silêncio e de renúncias, que garantem Maria, virgem mãe.

Quantas vezes me quedarei perplexa e angustiada perante as encruzilhadas desta civilização incoerente? (DUARTE, 2001, p. 95).

Compondo esse eixo, temos as disputas de gênero e a atuação das mulheres nas reivindicações sociais. O fazer poético de Vera Duarte é enviesado pela sua luta política, conforme o poema “Momento IX (mensagem ao próximo milénio que já não tarda)”:

De regresso ao lar, já cumprida a insuperável dualidade do meu ser  
essência aparência, quotidianamente exausta, a minha única  
vontade é deixar-me cair - inerte - sobre a cama e, sem despir o  
camuflado que me impõe a minha condição de guerreira...

Perder-me.

Despir-me sim desta loucura que me rói e dói. Afinal a imagem  
sedutora daqueles que nos circundavam não trouxe genuínas  
emoções, pureza original, aquilo com que contávamos. [...]

Ter-me-ei esquecido que a mancha que permanentemente  
acompanha meus passos é apenas a minha sombra e não um  
qualquer processo persecutório movido não sei por quem, movido  
não sei por quê?

É esta paixão que não me deixa friamente analisar, dissecar,  
asseptizar. Como é do meu gosto. E como é linda esta folha de papel  
que nervosamente vou cobrindo de pequenas formas arredondadas  
que talvez morram no caixote de lixo mais próximo ou levem ao  
próximo milénio a mensagem do milénio mil, rica e sinuosa,  
vermelha como um grito, injusta e sombria, mas, acima de tudo,  
MULHER (DUARTE, 1993, p. 37).

## Poesia de valorização identitária afro-crioula

Este eixo apresenta poemas que dialogam com a construção identitária cabo-verdiana, questiona o seu processo identitário homogêneo de criouldade e procura resgatar os referenciais negro-africanos que contribuíram para a constituição identitária de Cabo Verde, principalmente das ilhas de Santiago e do Fogo, assim como a preocupação com a memória escravocrata. De uma forma geral, raras são as demonstrações de uma poesia que diz respeito aos negros do arquipélago até a geração da *Claridade*, o que começa a mudar com

os autores da *Nova Largada* (ALMADA, 2013; 2010). A identificação com África foi parte fundamental para inserir Cabo Verde nas lutas anticoloniais africanas, dessa forma, reconhecer-se e identificar-se com o fenótipo negro foi um dos propósitos de Amílcar Cabral, através da reafirmação dos espíritos e retorno às origens (FERNANDES, 2006; 2002).

Sendo assim, destacamos a pertinência da obra de José Luis Hopffer Almada por considerar e valorizar a dimensão afro-crioula da identidade cabo-verdiana. O longo poema “Cidadeverdades - crônicas dos tempos de antanho, do júbilo e do ressentimento (prosopoema em versão estralejante, se bem que assaz dolorida, de Erasmo Cabral de Almada)” evidencia esse embate identitário. O poema apresenta algumas marcas de apagamento das manifestações afro-crioulas entre os cabo-verdianos ocorridas ao longo da colonização, mas também durante o pós-independência, assim como revela a identificação com a matriz africana, a exaltação do fenótipo negro e das manifestações culturais negras:

da sua tez negra ou diversamente parda predominante entre os habitantes pobres das ilhas, [...] da sua célere ressurreição como negros erguidos, alevantados sobre os montes e as planuras das ilhas, como filhos de África rebelados com os poemas furiosamente declamados em crioulo fundo, como destemidos pretos de caboverde municados com os gestos libertos e altivos e o retumbante djato badio dos originários do interior rural da ilha maior de Santiago, com a curcutiçam e o ardor vulcânico dos rústicos da ilha do fogo, com o estridente e ritmado alarido dos tocadores dos tambores de sanjon, com a desnuda liberdade dos corpos vibrando dançarinos no carnaval, finalmente reconciliados com a matéria continental ancestral, [...] da sua imaginária insurreição como genuínos africanos das ilhas devidamente munidos do orgulho dos cabelos afro do black power [...] (ALMADA, p. 43)

Dessa maneira, percebemos o quanto foi importante para a libertação de Cabo Verde a integração ao continente africano, o processo de identificação ao fenótipo negro e às matrizes afro-crioulas foram essenciais para buscar a unificação em torno de um objetivo comum, a luta pelo fim do colonialismo. Necessário destacar a importância da poética de José Luis Hopffer Almada em

resgatar os ideais de Amílcar Cabral e a participação e a inclusão dos negros no processo identitário-cultural cabo-verdiano.

Outro ponto essencial para esse eixo passa pela valorização da produção literária em língua materna. O exemplo da cabo-verdiana Eneida Nelly apresenta outro prisma, já que essa poeta somente publica um livro, “Sukutam” (Escuta-me) (2011), todo escrito em língua cabo-verdiana, além de trazer um componente trágico para a literatura de Cabo Verde, uma vez que a poeta cometeu suicídio (MONTEIRO, 2013). A autora é negra, pobre, da zona rural da ilha de Santiago, e os poemas retratam a vivência difícil para uma mulher com essas características tem para se manter. Eles são engajados e buscam resgatar as tradições orais desse universo feminino, com inspiração a partir da convivência com a sua avó. Destacamos que a edição do livro teve o cuidado de confeccionar um CD com o áudio dos poemas para que sua avó pudesse escutá-los. Segue o poema “Mudjer di nha tera”:

Panu maradu, grasa na rostu  
Pé finkadu ta ora propostu  
É mudjer di nha tera!  
K sabi bafa dor  
K konxi stória, k tem kusa-l fla...  
É mudjer di nha tera!  
Matakam di ser k ka ta tadjadu,  
Karamba si dja ten mudjer fadjadu  
É mudjer di nha tera!  
É mudjer di Kau berdi! [...] (NELLY, 2011, p. 104-105).

Procura-se neste artigo chamar atenção para a produção em língua cabo-verdiana e evitar a restrição à lusofonia do cânone da literatura cabo-verdiana e das africanas, de uma forma geral, pois segundo a ensaísta são-tomense Inocência Mata, “a liberdade de escolha que, supostamente, seria uma vantagem decorrente do processo de globalização, acaba por ser uma miragem, pois o que não se conhece não existe” (MATA, 2007, p. 70). Por fim, a opção de Eneida Nelly de publicar na língua cabo-verdiana questiona a própria ordem do fazer literário pela língua da antiga metrópole, pois não

busca a legitimidade de uma crítica estrangeira inserida em um “sistema que é legado branco-ocidental e em formas que têm de ser vazadas quaisquer experiências africanas” (MATA, 2007, p. 73), para além de dispensar a inserção nos mercados português e brasileiro, já que muitos escritores os têm por objetivo (RISO, 2013).

## Conclusão

Procuramos com os sete eixos temáticos aqui expostos oferecer uma breve amostragem da poesia cabo-verdiana contemporânea e algumas das suas diferentes facetas, ainda que de forma breve, de alguns desses poetas, artífices da linguagem, e assim estimular um olhar mais atento e plural do público brasileiro para a recente produção poética cabo-verdiana. Nossa proposta de apresentar como esses poetas conseguem construir trajetórias poéticas múltiplas, diversificadas de livro para livro ou ainda dentro da mesma publicação, com variações estético-formais que vão das formas clássicas, como os sonetos, a experiências de vanguarda como a poesia visual. É toda essa multiplicidade que inspira a criação dos eixos, porém sabemos que eles são restritivos, inclusive os nomes poéticos contidos em cada um deles. Contudo, a intenção primeira deste artigo é pensar a atual poesia cabo-verdiana a partir da ilimitada riqueza de seus agentes e suas criações inovadoras, reinventando a linguagem e mostrando que a tessitura poética está longe de se esgotar. Poderíamos ter acrescentado ou substituído poetas para dar maior diversidade de nomes aos eixos propostos, todavia, perderíamos o que seria a nossa maior intenção: mostrar como os poetas cabo-verdianos contemporâneos lapidam os seus textos e demonstram-se únicos, sendo cada poeta uma ilha de diversidade, construindo sua poesia como heterônimos de si próprios, esta feliz expressão de José Luis Hopffer Almada (ALMADA, 2010; 2008). Outros nomes não incluídos também possuem essas características, mas por causa do nosso curto espaço, demos preferência àqueles que já possuem uma obra literária e/ou crítica consistente, de

reconhecimento em seu país e com alguma circulação no meio acadêmico brasileiro. Apenas para exemplificação, esses autores poderiam ser, entre outros, Danny Spínola, Oswaldo Osório, Jorge Carlos Fonseca, Carlota de Barros, Dina Salústio, António de Névada.

Por fim, os poetas aqui reunidos, no arquipélago ou na vasta diáspora, assim como tantos outros, desvelam os caminhos intermináveis que a poesia pode e deve percorrer, os seus embates com as questões identitárias, ontológicas, metafísicas e meta-poéticas inseridas em um contexto não-claridoso, de libertação plena para os voos criativos, pois é pela “metaforização do discurso que se salva o pensamento” (VIEIRA, 1981, p. 9) e que a poesia cabo-verdiana contemporânea trafega com esses escritores heterônimos de si próprios.

## Referências

ALMADA, José Luis Hopffer C. Orfandade identitária e alegada (im) pertinência de uma poesia de negritude crioula: discursos da crioultude e síndromas de orfandade identitária. In: SANTOS, José Henrique de Freitas; RISO, Ricardo (Org.). *Afro-rizomas na diáspora negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013. p. 355-392.

ALMADA, José Luis Hopffer C. Parábola do castanho sofrimento. In: RISO, Ricardo. Cabo Verde: antologia de poesia contemporânea. *África e Africanidades*, ano IV, n. 13, maio 2011.

ALMADA, José Luis Hopffer C. *Breves apontamentos a propósito de recentes polémicas sobre a identidade literária caboverdiana*. Disponível em: <<http://tertuliacrioula.com/2010/08/que-caminhos-para-a-poesia-caboverdiana-parte-1/>>. Acesso em: 27 ago. 2010.

ALMADA, José Luis Hopffer C. *Que caminhos para a poesia cabo-verdiana? Parte II - O exemplo já antigo de João Vário*. Disponível em: <<http://tertuliacrioula.com/2010/08/que-caminhos-para-a-poesia-caboverdiana-parte-2/>>. Acesso em: 27 ago. 2010.

ALMADA, José Luis Hopffer C. *Que caminhos para a poesia cabo-verdiana? Parte IV - Notas finais e conclusivas*. Disponível em: <<http://tertuliacrioula.com/2010/08/que-caminhos-para-a-poesia-caboverdiana-parte-4/>>. Acesso em: 27 ago. 2010.

em:<<http://tertuliacrioula.com/2010/08/que-caminhos-para-a-poesia-caboverdiana-parte-iv/>>. Acesso em: 27 ago. 2010.

ALMADA, José Luis Hopffer C. *Praianas - revisitações do tempo e da cidade*. Praia: Spleen, 2009.

ALMADA, José Luis Hopffer C. *Assomada nocturna* (Poema de NZé Di Sant'Y'Agu). Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2005.

ALMADA, José Luis Hopffer C. *Mirabilis - de veias ao sol. Antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos*. Lisboa: Caminho, 1999.

ALMADA, José Luis Hopffer C. *À sombra do sol*. Praia: Voz di Povo, 1990. v. I.

ANDRADE, Mário de. *Antologia temática de poesia africana: na noite grávida de punhais*. Lisboa: Sá da Costa, 1977. v. I.

CABRAL, Amílcar. Apontamentos sobre a poesia caboverdiana. *Vozes*, Petrópolis, n. 1, p. 15-21, 1976.

DUARTE, Vera. *Amanhã amadugada*. Lisboa: Veja; Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1993.

DUARTE, Vera. *Preces e súplicas ou Os cânticos da desesperança*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

ELÍSIO, Filinto. Torpor da nova poética cabo-verdiana. Disponível em:<<http://www.buala.org/pt/a-ler/torpor-da-nova-poetica-cabo-verdiana>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

ELÍSIO, Filinto. *Mexendo no ba\_ú, vasculhando o u*. Lisboa: Letras Várias, 2011.

ELÍSIO, Filinto. *Li Cores & Ad Vinhos*. Lisboa: Letras Várias, 2009.

ELÍSIO, Filinto. *Das frutas serenadas*. Praia: IBNL, 2007.

FERNANDES, Gabriel. *Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde Crioulo*. Florianópolis: UFSC, 2006.

FERNANDES, Gabriel. *A diluição da África: uma interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama político (pós)colonial*. Florianópolis: UFSC, 2002.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

FERREIRA, Manuel. *Aventura Crioula*. Lisboa: Plátamo, 1985.

FERREIRA, Manuel (Org.). *No Reino de Caliban: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa - Cabo Verde e Guiné-Bissau*. Lisboa: Seara Nova, 1975.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia: Ateliê; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MATA, Inocência. Even Crusoe needs a Friday: os limites dos sentidos da dicotomia universal/local nas literaturas africanas. In: \_\_\_\_\_. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Luanda: Nzila, 2007.

NELLY, Eneida. *Sukutam*. Lisboa: Edição da Autora, 2011.

MONTEIRO, Eurídice Furtado. Ler as mulheres das ilhas: línguas, identidades e poderes nas margens do mar da poesia - da aventura à tragédia. In: SANTOS, José Henrique de Freitas; RISO, Ricardo (Org.). *Afro-rizomas na diáspora negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013. p. 103-130.

RISO, Ricardo. Afrorrasuras: Que Negro é esse nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa? In: SANTOS, José Henrique de Freitas; RISO, Ricardo (Org.). *Afro-rizomas na diáspora negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013. p. 195-220.

RISO, Ricardo. Cabo Verde: antologia de poesia contemporânea. *África e Africanidades*, ano IV, n. 13, maio 2011. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/ANTOLOGIA-CABO-VERDE.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

RISO, Ricardo. Valentinous Velhinho - Adeus Loucura Adeus. *A Nação*, n. 188, p. 10, abr. 2011.

RISO, Ricardo. Filinto Elísio e os novos caminhos para “desoficinar a poesia”. *A Nação*, n. 182, p. 13, fev. 2011.

RISO, Ricardo. Timóteo Tio Tiofe: O Primeiro Livro de Notcha. *A Nação*, n. 180, p. 27, fev. 2011.

SANTOS, Elsa Rodrigues dos. *As máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundividência cabo-verdiana*. Lisboa: Caminho, 1989.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas*. Cabo Verde: Ilhas do Atlântico: em prosa e verso. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

SATO, Maria Helena. *Areias e ramas*. São Paulo: Subiaco, 2006.

SECCO, Carmen L. T. R. (Org.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*: Cabo Verde. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. v.2.

SILVEIRA, Onésimo. *Consciencialização da literatura caboverdeana*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1963.

SOUSA, Mario Lucio. *Nascimento de um mundo*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1991.

TAVARES, José Luiz. *Paraíso apagado por um trovão*. Praia: Universidade de Santiago, 2010.

TAVARES, José Luiz. *Lisbon Blues seguido de Desarmonia*. São Paulo: Escrituras, 2008.

TIOFE, Timóteo Tio. *O Primeiro e o Segundo Livro de Notcha*. Mindelo: Pequena Tiragem, 2001.

VÁRIO, João. *Exemplos - Livro 9 - Exemplo Coevo*. Praia: Spleen, 2009.

VELHINHO, Valentinous. *Tenho o infinito trancado em casa*. Praia: Artiletra, 2008.

VELHINHO, Valentinous. *Adeus Loucura Adeus*. Praia: Artiletra, 1997.

VIEIRA, Arménio. *O poema, a viagem, o sonho*. Lisboa: Caminho, 2009.

VIEIRA, Arménio. *Poemas*. Mindelo: Ilhéu, 1981.

Recebido em: 28 de fevereiro de 2014.  
Aprovado em: 7 de abril de 2014.